



COMO O PROCESSO AVALIATIVO INTERFERE NA AUTOESTIMA DOS ESTUDANTES

Matheus Ivan da Silva Chagas
matheussilva.ivan@hotmail.com

Rodolfo Duarte da Silva
rodolfoduartemaceioal@hotmail.com

Ana Carolina Faria Coutinho Gléria
carolina@cedu.ufal.br

RESUMO

O objetivo do presente artigo é refletir através de uma pesquisa bibliográfica e de campo, sobre como as avaliações escolares interferem na autoestima de alunos do Ensino Fundamental I. Com base nos dados coletados e em autores que trabalham com a temática como Luckesi (2011), Hoffmann (2014), Vasconcellos (2011), dentre outros, tentamos compreender como os alunos se sentem em relação às avaliações, como o processo avaliativo tem sido realizado nas escolas e quais seriam as possíveis soluções para que a avaliação seja realizada de maneira positiva. Para a realização da pesquisa utilizamos como instrumento de coleta uma entrevista estruturada direcionada aos alunos do ensino fundamental I, cinco deles do 5º ano e os outros cinco do 2º ano, bem como aos dois professores responsáveis. Ao analisarmos os materiais recolhidos e ao finalizarmos a pesquisa constatamos que sim, o processo de avaliação interfere de forma negativa na autoestima dos estudantes e a escola tem um papel fundamental na produção desse ambiente de medo, tornando-se necessário assim pensar em formas de realizar o processo avaliativo de forma menos agressiva para com os estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Autoestima, Avaliação, Processo de Ensino Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A escola é o local que as crianças e jovens passam boa parte de suas vidas, portanto, esta instituição tem um papel essencial na formação das relações interpessoais entre os alunos, e também na relação do aluno com ele mesmo. O modelo educacional atual, pautado no sistema de produção capitalista, criou práticas e currículos escolares que obedecem a homogeneidade, a competitividade, o individualismo, e a separação dos melhores e dos piores. Com a avaliação escolar

não seria diferente, como evidencia Luckesi (2001), ao afirmar que a avaliação escolar usada enquanto um instrumento de exclusão e como fim do processo pedagógico, tornou-se a ferramenta do medo, da separação e do fomento a baixa autoestima nos estudantes.

Quando a avaliação escolar deixa de ser um processo e passa a ser um fim exclusivamente, muitas coisas importantes são deixadas de lado na avaliação do aluno como um todo e o processo educativo acaba por se tornar maçante e punitivo. Essa forma de avaliação influencia diretamente na construção da autoestima do aluno em formação, uma vez que as qualidades e defeitos são atribuídos de acordo com as notas referentes às “provas” realizadas em sala de aula.

O trabalho em questão busca compreender a relação da avaliação com a construção da autoestima dos alunos, entendendo que o modelo de avaliação atual, voltado para o quantitativo, exclusão e seleção, enquanto “exame”, como bem esclarece Luckesi (2011), reduzido a testes padronizados, contribui para a baixa autoestima, a apatia ao processo educativo e a tão falada falta de interesse. Segundo Vasconcellos (2011) é impossível esperar interesse da criança se a própria escola cria espaços que não permitem as crianças que existam em sua plenitude, uma vez que as salas possuem uma organização que visa o controle e a ordem.

A reprovação, o medo, a vergonha da nota “baixa” são aspectos essenciais para compreender a relação entre avaliação e autoestima, logo o objetivo deste artigo é entender, a partir da análise da literatura e dos relatos dos próprios estudantes, como os alunos se sentem ao receber uma nota menor do que esperavam e como isso interfere na sua vida escolar. É importante assimilar que a relação da avaliação com a autoestima não está ligada apenas a isso, mas também a própria experiência do aluno dentro de sala de aula, à medida que ao ficar desanimado com os resultados das avaliações sua relação com os conteúdos, com a aula, com o professor, com os colegas, é alterada a partir do momento no qual os alunos recebem sua primeira nota baixa.

Para a realização da pesquisa elegemos como sujeitos participantes, 10 (dez) alunos do ensino fundamental I, cinco deles do 5º ano e os outros cinco do 2º ano, bem como 2 (dois) professores. Utilizamos como objeto de coleta uma entrevista estruturada, na qual seguimos um roteiro de questões para serem feitas aos alunos,

também solicitamos desenhos feitos por cada criança, visando perceber como o aluno se sentia ao ser avaliado.

A pesquisa aqui realizada possui caráter qualitativo, de modo que pensamos ser importante não somente a coleta dos dados, mas também a análise e o confronto com base em referências bibliográficas pertinentes. É exploratória, portanto não tem o intuito de obter números como resultados, mas contribuir para o estudo do tema aqui abordado e mostrar um retrato de como a autoestima do aluno pode ser afetada pelas avaliações escolares. Utilizamos essa forma de pesquisa para compreender como as avaliações escolares interferem na autoestima dos alunos do Ensino Fundamental I e como o processo de ensino e aprendizagem é afetado nesse contexto.

Realizamos a pesquisa em uma escola particular e em outra escola municipal, ambas situadas na parte alta de Maceió-AL. Entrevistamos cinco alunos e o professor dos mesmos em cada uma dessas duas escolas, totalizando dez alunos e dois professores. Fizemos as entrevistas em escolas separadas, mas no mesmo horário, com os estudantes da mesma etapa de ensino e seguindo o mesmo roteiro, que foi construído com uma pergunta direcionada aos professores e quatro perguntas - seguidas de uma proposta de desenho - para os alunos. Propomos o desenho com objetivo de ter, para além das respostas dos alunos, um material de autoria do próprio aluno sobre como ele se sente no dia de avaliação. Como bem nos lembra Gibbs (2009), é importante garantir a preservação do anonimato dos sujeitos, por isso, os nomes dos sujeitos da pesquisa não foram citados, e as entrevistas foram transcritas para uma melhor análise.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ALUNOS E A AVALIAÇÃO: UMA RELAÇÃO DE CONFLITO E MEDO

A coleta de dados para a pesquisa surge de uma inquietação durante o estudo sobre a avaliação no contexto escolar, uma vez que o ato de avaliar representa um enorme desafio. (VASCONCELOS, 2007) Buscamos analisar através das respostas

dos alunos e das suas respectivas professoras entrevistadas, como a avaliação cria uma relação de medo e conflito, comprometendo o processo pedagógico.

Nesse contexto, pedimos para que os alunos nos relatassem como se sentiam quando não conseguiam se sair bem em uma prova e a resposta unânime foi “me sinto triste” fica claro que a avaliação ou a “prova” como muitos deles chamaram é um momento de tensão, de medo coletivo. “Eu me sinto assim, um pouco... nervosa. ‘meia’ triste porque eu tirei nota ruim, porque eu errei algumas ‘questão’...” (Aluna 1, segundo ano)

Ao observar os relatos dos alunos conseguimos enxergar uma busca incessante pela continuação da busca pelo conhecimento, de aprender com o erro e conseguir fazer melhor na próxima prova, mas ao mesmo tempo podemos observar também que o sofrimento por antecipação e o medo de falhar sufoca os alunos. Como visto no seguinte relato:

Eu me sinto triste porque eu não mesmo não estou conseguindo o contrário, porque eu quero sempre ser melhor, mas nunca... Teve uma prova que eu tirei 0 de matemática e fiquei triste. Pensei assim, que estava tudo certo, mas estava tudo errado. Ai, toda vez que eu erro, quero aprender mais. (Aluno 2, quinto ano)

Vasconcellos (2011) explicita o papel da escola neste processo de sufocamento, uma vez que por mais que as crianças queiram aprender, queiram se superar, os processos avaliativos e a própria organização do trabalho em sala de aula faz o oposto. Observamos também que por mais que a formulação das respostas dos alunos do segundo ano e do quinto ano tenham sido diferentes e que cada grupo de alunos esteja em um momento distinto do ensino fundamental o sentimento de culpa, nervosismo e medo é algo que está presente desde o começo da vida escolar. Ou seja, o processo de avaliação e de sufocamento é constante, mesmo naqueles que ainda nem chegaram no fundamental II que supostamente é o momento no qual a avaliação assume um valor ainda mais importante.

2.2 CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO, O ERRO E A RELAÇÃO COM A AUTOESTIMA

Para começarmos a analisar esta categoria é preciso que fique claro qual a perspectiva de autoestima que adotamos para o estudo aqui realizado. Entendemos autoestima como o conjunto de valores que o indivíduo atribui a si mesmo, de forma

positiva ou negativa, ao entrar em contato com o mundo (FRANCO, 2009). Portanto, a autoestima é construída e não dada, o sujeito não nasce com autoestima, mas sim a constrói à medida que vai tendo relações com os ambientes ao seu redor. A sala de aula é também um espaço de construção da autoestima, e todo o processo de ensino aprendizagem influencia na forma como o aluno irá se enxergar. Os alunos entrevistados, ao serem questionados sobre como a turma reagia quando alguém havia obtido uma nota “baixa”, responderam que o diálogo sobre notas baixas não acontecia, uma vez que aqueles que eram avaliados de forma negativa eram menosprezados pelos alunos que haviam obtido notas superiores.

Encontramos aqui uma característica do exame, a de separar os melhores dos piores, selecionar e criar divisões no grupo, ou seja, incluir uns e excluir outros. (GONÇALVES e LARCHERT, 2011)

As professoras entrevistadas, as quais aqui chamaremos de professora 1 e professora 2, tinham visões opostas sobre avaliação. A professora 1 entendia que por mais que o processo avaliativo devesse ser feito de forma contínua e cada aluno tivesse seu tempo de aprender ainda liga a avaliação como a ferramenta principal da mensuração do aprendizado do aluno. Segundo ela a avaliação serve como um documento para analisar se o aluno aprendeu ou não. A professora 2, compreende que o processo de avaliação é contínuo e por isso se utiliza de um caderno de anotações para escrever observações sobre os alunos semanalmente, porém a instituição na qual trabalha, uma escola particular, exige que os professores cumpram e finalizem as atividades do módulo e por conta disso nem sempre as anotações surtem efeito, uma vez que o colégio exigirá as notas.

Temos aqui um conflito, se por um lado as professoras entendem que o processo de avaliação é contínuo, por outro ou a instituição que trabalham não permite que outras formas de avaliar possam coexistir com o exame, ou os próprios professores compreendem que avaliar através do exame ainda é a forma correta de mensurar se o aluno aprendeu ou não.

Chegamos agora à análise do erro, de como os alunos estão enxergando os erros cometidos, como isso é tratado na sala de aula e o principal, como isso afeta a construção da autoestima dos mesmos.

Me sinto triste. Por causa que tem assim: como num passar e como num passar. Assim, eu faço a prova, aí eu levo regular, aí eu não acerto nenhuma, só acerto uma. Aí eu fico triste por causa que faz

medo eu não passar e eu passar. Se eu errar! ... (Aluna 3, quinto ano)

É possível observar no relato acima que os alunos não conseguem enxergar no erro uma possibilidade de avanço, uma vez que o que está pautado como acerto são as condutas pré-estabelecidas e esperadas pelo professor e pela própria ciência, conforme aponta Luckesi (2011). O medo, e a relação com a família também interferem na construção da autoestima dos alunos. Quando questionados sobre suas famílias os alunos quase sempre diziam que os pais iriam “brigar”, “dar bronca” e até bater caso as notas não fossem as esperadas como satisfatórias.

Eu me sinto um pouco mal, né? Porque eu tenho que dar orgulho aos meus pais, pra minha mãe, pro meu pai, principalmente para o meu pai. Ah, e pra minha vó também, porque eu moro com a minha vó. Ai, assim, não é a minha vó que vai buscar as minhas provas, é o meu pai. Ai, quando meu pai vê, ele fica decepcionado comigo e me coloca pra estudar.” (Aluna 4, quinto ano) ...Eu fico triste que não vou passar, e também vou apanhar né...” (Aluno 5, segundo ano)

É possível enxergar aqui o sufocamento comentado na primeira categoria assim como a produção contínua da sensação de medo que retira do aluno a capacidade de sentir prazer no processo de aprendizagem.

Analisando os relatos tanto das professoras como dos alunos foi possível perceber que existe um conflito dentro das salas de aula, assim como dentro dos próprios alunos que tem as possibilidades de construção de sua autoestima ceifadas por um processo de avaliação que os faz ter medo. Assim como também foi possível observar que a escola e o professor têm um papel essencial na forma como o processo avaliativo irá ocorrer dentro da sala de aula e por fim como o erro está sendo compreendido atualmente pelos alunos.

A partir das análises feitas durante o artigo separamos esta categoria para falar de soluções possíveis na hora de avaliar, de compreender o aluno no processo de avaliação e para isso vamos para a concepção de avaliação mediadora e subjetividade de Jussara Hoffmann (2014). A avaliação mediadora proposta por ela trata de uma perspectiva avaliativa que compreende que existe uma subjetividade de interpretações na relação professor-aluno. Como consequência existe também uma subjetividade na interpretação que o aluno faz das interpretações do professor. Ou seja, a avaliação, o erro, a criação de questões de uma avaliação, tudo isso está transpassado pela subjetividade tanto do professor que constrói as avaliações a

partir de suas interpretações do conteúdo, como do aluno que responde aos questionamentos baseado nas interpretações que faz do conteúdo e das perguntas feitas pelo professor.

A avaliação mediadora e a valorização da subjetividade criam um espaço mais seguro para a presença do erro, uma vez que a correção não irá ter um efeito punitivo ou que propiciará a sensação de sufocamento nos alunos. A forma de correção proposta por Hoffmann (2014) ajuda na possibilidade do diálogo entre aluno e professor e aluno e outros alunos, já que ao compreender que as subjetividades da interpretação devem ser respeitadas o erro seria visto como uma possibilidade de acerto futuro e não apenas como o erro que estagna o aluno no local em que parou. As contribuições disso para a construção da autoestima do aluno em questão são imensas, a sensação de medo de falar sobre uma nota baixa com outro colega sumiria já que o espaço inteiro estaria compreendendo que errar é normal, errar permite o acerto futuro.

Sendo a escola um dos ambientes presentes na formação da autoestima dos alunos torna-se necessário que esta seja um espaço seguro, livre do medo e do sufocamento para que o sujeito do processo de aprendizagem consiga sentir-se livre para aprender e continuar feliz em sua busca pelo conhecimento. Para isso é essencial que o processo avaliativo, assim como as concepções de avaliação dos próprios professores seja reavaliada, revista e refeita.

Um dos momentos das entrevistas com os alunos foi a de criação de um desenho que falasse sobre como eles se sentiam no dia da avaliação, os cinco alunos da escola particular disseram se sentir nervosos, e os outros cinco da escola pública disseram sentir medo, tristeza e pânico. É visível nos desenhos a forma como o processo de avaliação vem sendo efetivo no seu papel de transformar a escola e o processo de aprendizagem algo traumático.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi abordado no artigo do que foi dito pelos alunos, podemos perceber como ainda é necessário falar sobre avaliação e principalmente sobre a escola enquanto um dos ambientes principais da formação da autoestima caso

queiramos uma melhoria real na educação. A forma como os alunos se enxergam, se sentem dentro da escola é tão importante quanto às notas ou as metas que eles são exaustivamente colocados para obter.

Com a finalização da pesquisa podemos observar que sim, o processo de avaliação interfere negativamente na autoestima dos alunos e que a avaliação que acontece nas escolas ainda é feita no modelo do exame, modelo este que acaba não permitindo que os professores consigam ter liberdade para avaliar de outras formas seus alunos, mesmo que utilizem anotações, ou outras práticas para avaliar o aluno de forma progressiva. Uma das possibilidades encontradas para a resolução do problema é a avaliação mediadora proposta por Hoffmann (2041), pois como foi observado na pesquisa, a maioria dos alunos sentia um medo em relação a nota final da prova. A nota por si só é alterada de acordo com os erros e acertos, o medo dos alunos existe justamente pela possibilidade de ter uma nota baixa por conta do não acerto de determinada questão. O erro é visto então como um aspecto negativo da avaliação, Hoffmann (2014) propõe que a subjetividade da interpretação do aluno seja considerada na hora da correção, assim como a subjetividade do professor na hora da formulação da pergunta. O entendimento da existência da subjetividade na relação professor-aluno-avaliação torna o processo em si menos angustiante e o erro uma possibilidade de avanço e não de retrocesso ou parada.

REFERÊNCIAS

FRANCO, Adriana de Fátima. **O mito da autoestima na aprendizagem escolar**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) * Volume 13, Número 2, Julho/Dezembro de 2009 * 325-332. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n2/v13n2a15.pdf>>.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GONÇALVES, L. e LARCHERT, J. M. **Avaliação da aprendizagem**: Pedagogia, módulo 4 volume 6 – EAD. Ilhéus, BA: EDITUS 2011.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**: Uma prática em construção da pré-escola à Universidade. Porto Alegre: Mediação, 2014

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem**: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2011.

VASCONCELLOS, Celso S. A Avaliação: Limites e Possibilidades – Algumas Aproximações. **Revista Aprender Juntos**, SM, São Paulo: mai/jun. 2007 (n. 2).

_____. **Entrevista sobre a avaliação da aprendizagem**. Educação e Tecnologia, 2011.